

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

**(In) Subordinações Contemporâneas:
Linguística, Letras e Artes**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-608-9 DOI 10.22533/at.ed.089190309 1. 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Gomes, Angela Maria. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Incorporando as discussões e propostas da educação, no que abrange as ciências artísticas e da linguagem, (IN)subordinações Contemporâneas: Linguísticas, Letras e Artes traz em seu discurso reflexões em favor de uma educação voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade artística cultural, incluindo a brasileira. Tais reflexões foram embasadas a partir de, entre outras metodologias, levantamentos bibliográficos, estudos de caso, relatos de experiências e análise de obras literárias, de cinema e teatrais. Diretrizes Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular também foram referendadas e analisadas.

Na linguagem, começando por com uma visão naturalista a qual defende que a mesma se desenvolveu e evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais, formando assim uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. Ainda sobre o tema, encontramos uma visão holística de como o educador pode lançar mão dos conhecimentos fonéticos e fonológicos em seu trabalho constante na sala de aula quando detectado em seus alunos dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em análise do processo de produção textual, especificamente da evolução ocorrida entre a primeira e a última versão da produção de artigos de opinião, são aqui analisadas as principais dificuldades que surgem em relação à produção desse gênero do discurso. Investigam-se aqui as possíveis principais dificuldades que o aluno apresenta ao elaborar um texto argumentativo.

No campo das artes, vislumbramos desde estudos sobre danças e músicas regionais, reflexões sobre experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance de trilha sonora autoral, até a proposta de utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional que oportuniza a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e pouco contato com a linguagem musical tradicional. Outro ensaio também descreve os procedimentos utilizados em curso de extensão estruturado para a formação criativo-musical de crianças e discute o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte, quadrinhos...) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. Ensino de artes e as suas ressonâncias na formação inicial de professores foram observadas sob a luz das Diretrizes e Referenciais Curriculares. Assim, esses são alguns dos questionamentos e desafios aqui colocados e refletidos para o ensino da arte contemporânea.

Outro tema aqui abordado: Inclusão Social, que tem sido alvo de muita propagação no cenário brasileiro desde a década de 1990. No contexto da educação de surdos, este processo é motivo de muitas polêmicas e discussões, uma vez que o Ministério da Educação lança políticas de uma educação para esse público direcionadas ao ensino regular. Já a comunidade surda se mantém em uma posição contrária a

essa, dando ênfase a uma educação específica para surdos, tendo como principal língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na questão da inclusão, conjuntamente aqui, reflexões sobre o processo de disseminação de saberes sobre as minorias indígenas no cenário educacional brasileiro, um dos problemas que continuam a desafiar as políticas sociais, e a inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

Com o advento das Novas Tecnologias na Educação Brasileira, o tema não poderia deixar de ser contemplado. É preciso que ocorra a ruptura de padrões outrora estabelecidos, para que a escola e o professor desenvolvam papéis diferentes e a aula deixe apenas o modelo convencional e sejam trabalhadas novas metodologias. Entre outras, neste volume, analisa-se a possibilidade da utilização de aparatos utilizados no pré-cinema como forma de inserir as tecnologias na educação.

Dessa forma, esta coletânea objetiva contribuir de forma significativa para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Linguísticas , Letras e Artes - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional, artístico e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES	
Daiany Bonácio	
Mariângela Peccioli Galli Joanilho	
DOI 10.22533/at.ed.0891903091	
CAPÍTULO 2	15
A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903092	
CAPÍTULO 3	31
A POLÊMICA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DA INCLUSÃO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS	
Marcos Roberto dos SANTOS	
DOI 10.22533/at.ed.0891903093	
CAPÍTULO 4	40
A SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS INDÍGENAS EM APARATO DIDÁTICO EM CIRCULAÇÃO NO CIBERESPAÇO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903094	
CAPÍTULO 5	56
AINDA SOBRE A EDUCAÇÃO DO NÃO-ARTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL INICIAÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE NÃO-FORMAS E SUA CONCEITUAÇÃO	
Italo Bruno Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0891903095	
CAPÍTULO 6	67
ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE 'ORIENTAÇÃO SEXUAL' NA BNCC: EXCLUSÃO E (É) PRECONTEITO?	
Luciene de Carvalho Mendes	
Isabela Candeloro Campoi	
DOI 10.22533/at.ed.0891903096	
CAPÍTULO 7	79
ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS	
Mirian Celeste Martins	
DOI 10.22533/at.ed.0891903097	

CAPÍTULO 8	90
ARTIGO DE OPINIÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS RECORRENTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Mirian Celeste Martins Thaís Aparecida Burato	
DOI 10.22533/at.ed.0891903098	
CAPÍTULO 9	103
AS IDAS E VOLTAS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	
Monica Rodrigues de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.0891903099	
CAPÍTULO 10	115
BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ	
Ferran R. Tamarit	
DOI 10.22533/at.ed.08919030910	
CAPÍTULO 11	126
CENTROS DE AUTOACESSO E AUTONOMIA DOS ALUNOS	
Tamires Miranda de Oliveira Italo Barroso Melo Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08919030911	
CAPÍTULO 12	137
COMPOSIÇÃO MUSICAL NO BOI TINGA EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA: HISTÓRIA E ANÁLISES MUSICAIS A PARTIR DO TROMPETE EM BB	
Rosinei Gilberto Rodrigues Monteiro Junior Everton Dalton Pereira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.08919030912	
CAPÍTULO 13	150
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA PRÁTICA DOCENTE: ALUNOS COM DESVIO DE FALA	
Jeislene Dutra Pouso Jackeline Aguiar Silva Sousa Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030913	
CAPÍTULO 14	162
DANÇAS REGIONAIS & <i>BALLET</i> CLÁSSICO	
Lucienne Ellem Martins Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030914	
CAPÍTULO 15	174
ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA	
Ronan Gil de Moraes Léia Cássia Pereira da Paixão	

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.08919030915

CAPÍTULO 16 186

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: DO REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM *O BALCÃO*, DE JEAN GENET

Nilda Aparecida Barbosa

Roselene de Fátima Coito

DOI 10.22533/at.ed.08919030916

CAPÍTULO 17 199

ESTUDO DA NARRATIVA ROSIANA EM “DÃO-LALALÃO”

Jacqueline de Sousa Miranda

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.08919030917

CAPÍTULO 18 214

LETRAMENTOS EM TEMPO DA COMUNICAÇÃO UBÍQUA NAS VOZES DOS GRADUANDOS DE LETRAS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

Albina Pereira de Pinho Silva

Wendell Camilo Deposiano

DOI 10.22533/at.ed.08919030918

CAPÍTULO 19 225

LITERATURA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: A POÉTICA INTERATIVA DE ZACK MAGIEZI

Camila Santos de Almeida

Daniela Silva Braga

Maryna Garcia Wagner

Larissa Cardoso Beltrão

DOI 10.22533/at.ed.08919030919

CAPÍTULO 20 233

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

DOI 10.22533/at.ed.08919030920

CAPÍTULO 21 245

MULHERES SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM FOTOGRAFIA E ARTE

Carla Carvalho

Helen Rose Leite Rodrigues de Souza

Rosana Clarice Coelho Wenderlich

DOI 10.22533/at.ed.08919030921

CAPÍTULO 22 258

O PRÉ-CINEMA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE INSERÇÃO DAS

TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Fabiane Costa Rego

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

DOI 10.22533/at.ed.08919030922

CAPÍTULO 23 270

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO
SONS DE MAKUNAIMA NAS SALAS DE AULAS

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Beatriz Taveira de Moura Teixeira

Celso Lima

Leila Adriana Baptaglin

Rosângela Duarte

DOI 10.22533/at.ed.08919030923

CAPÍTULO 24 286

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E
DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Iuri Passos

Adeline Seixas

Brenda Silva

Daniela Penna

DOI 10.22533/at.ed.08919030924

CAPÍTULO 25 295

PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A OBESIDADE INFANTIL E GESTÃO
BIOPOLÍTICA: CORPO E (IN)SUBORDINAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Michelle Aparecida Pereira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.08919030925

CAPÍTULO 26 306

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME
“CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

DOI 10.22533/at.ed.08919030926

CAPÍTULO 27 325

SONORIZAÇÃO AO VIVO: O ACASO E A ATITUDE DE TATEAR NA CONSTRUÇÃO
SONORA DE A LUTA VIVE

Alexandre Marino Fernandez

Ricardo Tsutomu Matsuzawa

DOI 10.22533/at.ed.08919030927

CAPÍTULO 28 335

TEMPO E MEMÓRIA DE ENVIOS NA OBRA DE ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

DOI 10.22533/at.ed.08919030928

CAPÍTULO 29	346
TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS	
Andréa Luisa Frazão Silva	
Adriana Tobias Silva	
Monica Rodrigues de Farias	
Marcus Ramusyo de Almeida Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.08919030929	
CAPÍTULO 30	360
VIBROACÚSTICA Y CREATIVIDAD “UNA EXPLORACIÓN EN ARTES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN SENSORIAL”	
Lucía Noel Viera	
Alejandra Escribano	
DOI 10.22533/at.ed.08919030930	
SOBRE A ORGANIZADORA	364
ÍNDICE REMISSIVO	365

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba

Resumo: O presente artigo busca analisar, a partir da Revista Jornal das Moças que circulou de 1914 a 1965, as representações discursivas da mulher a partir de materialidades que falam sobre corpo e trabalho feminino. Para isso, iremos recorrer à teoria da Análise de Discurso de vertente pecheutiana, tomando de modo esporádico também algumas ideias de Foucault para falar da construção do corpo feminino nesse veículo. Os resultados apontam para a caracterização da mulher como o “outro”, como sujeita a regras de comportamento que a constituiriam como mulher respeitável, incidindo no modo de funcionamento da ideologia que naturaliza a submissão feminina ao homem.

PALAVRAS-CHAVE: mulher, revista, trabalho, corpo

**WOMEN IN THE GOLDEN YEARS:
DISCURSIVE REPRESENTATIONS OF
WOMEN, FROM THE BODY AND WORK, IN
THE JORNAL DAS MOÇAS MAGAZINE IN
THE DECADE OF 50**

ABSTRACT: This paper aims to analyze, from the *Jornal das Moças* magazine that circulated in Brazil from 1914 to 1965, the discursive representations of women in materialities that

talk about body and work. For this, we will resort to the theory of Discourse Analysis by Michel Pêcheux using sporadically also some ideas of Michel Foucault to talk about the construction of the female body in this vehicle. The results point to the characterization of the woman subject to rules of behavior that would constitute her as a respectable woman, focusing on the way of functioning of the ideology that naturalizes female submission to man

KEYWORDS: woman, magazine, work, body

1 | INTRODUÇÃO

O referido artigo objetiva, a partir da análise de uma reportagem que circulou na década de 50 na Revista feminina *Jornal das Moças*, analisar o processo de construção discursiva da feminilidade, a partir da representação do corpo e do trabalho feminino, pra atender aos padrões estéticos da época.

A década de 50 do século XX foi um momento em que houve grande desenvolvimento econômico no Brasil, sendo um período conhecido como Anos dourados, momento em que as mulheres passaram a se inserir, ainda que timidamente, no mercado de trabalho. No entanto, apesar dessa inserção, era claro o modo de representação da mulher como “o outro” na constituição do sujeito mulher,

na construção do seu corpo, das relações entre mulher e trabalho a partir da obediência a padrões que a faziam ser uma mulher “de família” e não uma “mulher qualquer”. Este artigo tem como base a Análise de discurso de vertente pecheutiana, que considera a língua como sistema relativamente autônomo, sendo constituída intrinsecamente pela história e pela ideologia. Além disso, recorreremos esporadicamente a algumas ideias de Foucault para tratar da docilização e domesticação do corpo feminino.

2 | DE ONDE FALAMOS?

Surgida na década de sessenta do século XX, a Análise de Discurso de linha francesa, mais precisamente a vertente pechetiana, pretendeu colocar para a linguística questões das quais ela tentava se esquivar, dentre elas, a questão do sentido e da historicidade como bases para a compreensão da linguagem, além de trazer à tona noções relativas ao sujeito e a ideologia.

Desse modo, é plausível afirmar que para Pêcheux, era necessário construir um dispositivo teórico/analítico que pudesse contribuir para uma “mudança de terreno” que fizesse “intervir conceitos exteriores à região da linguística atual”. (PÊCHEUX, 1997, p. 73). Ao se constituir a partir do final da década de 60, a AD materialista situa-se no pós-estruturalismo, redefinindo noções postuladas por Saussure e pelo materialismo, trazendo à tona a ideia de que o próprio sistema linguístico é constituído pela falha e equívoco, costurando a intrínseca relação entre língua e exterioridade.

A instituição da Análise de Discurso (AD) na França se constitui como um entremeio, envolvendo três diferentes regiões do conhecimento, quais sejam: o materialismo histórico: como a teoria das formações sociais e suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a linguística: como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo, e também a teoria do discurso: como teoria da determinação histórica dos processos históricos. Além disso, alia alguns princípios da psicanálise, principalmente a noção de inconsciente, que será uma das bases para a constituição do sujeito.

Da teoria linguística, Pecheux (1997) bebe na fonte estruturalista, recortando da mesma a teoria Saussuriana, buscando ampliá-la, a partir do questionamento da ideia de homogeneidade e autonomia completas da língua proposta por Saussure. Pêcheux reconhece que a língua é um sistema, dotado de regras próprias, mas, pautando-se, sobretudo, na teoria do valor postulada pelo mestre genebriano, afirma que o próprio sistema linguístico não é completamente autônomo, e que a questão do sentido não se resolve levando em conta apenas as regras de combinação e oposição entre os signos presentes no próprio sistema. Ao contrário: o sistema linguístico é, ele mesmo, sujeito ao equívoco, uma vez que o sentido das palavras pode sempre ser outro, sempre desliza, sendo sempre marcado pela metáfora. Daí a afirmação pechetiana de que a língua “constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentidos” (Pêcheux, Fuchs, 1997, p.172). Os sentidos

são gerados a partir do modo como os sujeitos são interpelados pela ideologia, pressupondo, assim, uma relação entre a língua e seu exterior. Assim, a língua é o veículo no qual se materializam os efeitos ideológicos, é a partir dela que os sujeitos se constituem como tais, interpelados pela ideologia.

Da teoria das ideologias, Pêcheux se debruça sobre a obra de Althusser, quando o referido teórico fala dos Aparelhos ideológicos do Estado, concebendo a ideologia como mola mestra da constituição dos sujeitos e dos sentidos. O autor se debruça sobre o materialismo histórico, retomando a noção de superestrutura ideológica. Ele não concebe a ideologia como simples conjunto de ideias, mas afirma que esta tem uma “materialidade específica”, e que tal materialidade está relacionada à materialidade econômica; É a ideologia que faz com que o sujeito, sem se dar conta disso, possa ocupar um determinado lugar na esfera dos grupos sociais vigentes.

Da psicanálise, a partir de uma releitura de Lacan, problematiza a noção de sujeito como constituído pelo inconsciente, deslocando a ideia cartesiana que concebia o sujeito como marcado pela consciência total. O inconsciente constitui o sujeito que não pode mais ser visto como sujeito onipotente, do “penso logo existo”, mas deve ser visto como marcado por vozes e discursos sociais que estão armazenados no inconsciente. O sujeito não se dá conta que está sendo marcado pelo inconsciente e acredita que é a origem do dizer. Pêcheux e Fuchs, desse modo, afirmam que a interpelação do indivíduo em sujeito se dá “de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção” (PECHEUX e FUCHS, 1997, p. 166).

O funcionamento da ideologia se dá a partir do interpelar do sujeito, ou seja, a partir do assujeitamento desse sujeito a uma determinada ideologia. Não existe discurso sem ideologia, pois não há uma relação direta entre realidade e linguagem, esta última é opaca e marcada por fatores de ordem ideológica. É a ideologia que constitui os elementos do discurso. Não existe sujeito fora da ideologia, pois, para se constituir como tal, é preciso ser desde sempre interpelado, desde sempre constituído por ela.

Sendo assim, a língua, compreendida à luz da discursividade não é um simples sistema formal, mas é, ao contrário disso, marcada de modo inexorável pela exterioridade que a constitui. Quando o sujeito enuncia, está em jogo uma gama de sentidos que não são originados nele, mas que são construídos historicamente, derivados do já-dito. A atividade discursiva pressupõe uma relação que não tem, de direito, início, uma vez que os enunciados se ligam sempre a enunciados anteriores, eles estão sempre em relação com o “já-la”, com o pré-construído.

O discurso sempre se conjuga a partir do já-dito, sendo constituído a partir do interdiscurso, que funciona como a base, o pano de fundo do processo discursivo, ou seja do que se chama de intradiscurso: o nível da formulação, o fio do discurso. Por interdiscurso se entende o conjunto do todo complexo com dominante (Pêcheux,

2009) de formações discursivas, ou seja, o conjunto de tudo o que já foi dito e esquecido que constitui a base da atividade discursiva. Assim, é possível afirmar que as formações discursivas derivam do interdiscurso e são dele dependentes, o que permite a compreensão da ideia pechetiana que todo discurso se conjuga a partir de um já-dito. Nas palavras de Pêcheux: o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, (PÊCHEUX, 1997, p.77)

Segundo as ideias pecheutianas, o sentido não está nas palavras nem nos sujeitos, mas deriva das posições ocupadas por tais sujeitos no discurso. Os sujeitos, apesar de terem ilusão de que são origem do dizer, efetivamente não o são. Ao contrário, os processos discursivos se realizam através sujeitos, mas esses não são responsáveis por criar intencionalmente sentidos, nem têm o poder de controlá-los. Os sentidos se realizam nos sujeitos porque se relacionam com a posição ideológica que os mesmos ocupam. Essa posição remete a uma inscrição ideológica que faz com que se diga de determinada forma ou de outra, que as palavras ditas signifiquem de determinado modo ou de outro. Os sujeitos não são os primeiros a dizerem algo, eles se submetem aos sentidos que já existem, mas também, podem ressignificar esses já-ditos, colocando-se no jogo polissêmico da linguagem.

Partindo-se do princípio de que os sentidos das expressões linguísticas são derivados das formações discursivas nas quais essas expressões se inserem, é possível inferir sobre os deslizamentos de sentidos da ideia de mulher moderna no corpus analisado, o que revela que o sistema linguístico não é completamente autônomo, e que entender a língua como sistema estritamente formal não é suficiente para explicitar as relações de sentido na língua. Pêcheux e Fuchs (1997, p. 169) já diziam que “o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe essa sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva”. Tal afirmação já revelava ideia pechetiana de que a língua é um sistema que não possui completa autonomia, pois é constitutivamente marcada pela história e pela ideologia. Os sentidos, portanto, não são preexistentes às estruturas linguísticas nem são presos às palavras. Assim, Pêcheux assevera que: [...] as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, (PÊCHEUX, 2009, p. 146-147).

Como já foi dito anteriormente, todo discurso é ideológico, porque não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Então, é possível afirmar que as propagandas, ou melhor, os gêneros publicitários veiculam ideologias diversas, funcionando como grandes instrumentos de difusão ideológica que têm como função “naturalizar” os sentidos e também homogeneizar as diferenças sociais, pretendendo vender, assim, aos seus pretensos consumidores, uma ideia de homogeneidade e associando a identidade do sujeito ao uso do produto vendido, às características e

sensações proporcionadas pelo mesmo.

Algumas ideias de Foucault (1987) também serão de interesse nesse artigo, principalmente as que dizem respeito aos processos de docilização e disciplinarização dos corpos. A partir da disciplinarização, o sujeito fica submetido a formas de controle do corpo, sendo tais formas submetidas a uma determinada norma que visa controlar os corpos e, conseqüentemente, controlar os sujeitos. Assim, através de exercícios de adestramento, o sujeito entra na normalidade e é discursivizado a partir de seu corpo.

Ao abordar a questão da disciplina, o referido autor chama a atenção para o fato de que é através dela que o corpo dos sujeitos é “fabricado”, tornando-se dócil e submisso às regras da sociedade. Assim, o modo de construção do corpo também faz parte da construção do sujeito no jogo das relações sociais de poder. Desse modo, são esmiuçadas regras, regulamentos, normas, que sofrem controle a partir de inspeções, a fim de fazer com que os corpos se adequem à normalidade. Segundo Foucault (1987) o controle do corpo implica uma coerção ininterrupta “que vela sobre os processos da atividade mais do que sobre seu resultado e se exerce sobre uma codificação que esquadrija, ao máximo, o tempo, o espaço, os movimentos”. (FOUCAULT, 1987, p. 109).

A disciplinarização implica, então, o controle do corpo, dos gestos, dos movimentos e do espaço-tempo no qual os sujeitos se inserem. Segundo o que diz o próprio Foucault: os métodos de disciplinarização pressupõem “um controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças, e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 109).

A coerção é a base desse controle, uma vez que o sujeito é coagido a se adequar às normas pelo exercício e pelo controle dos gestos, a partir da adoção de técnicas de repetição e treinamento. Tais técnicas são adotadas por instituições diversas como escolas, oficinas, instituições militares, dentre outras.

A disciplina implica também uma adequação dos movimentos e gestos ao tempo, o que supõe treinamento, rotina, repetição. Segundo Foucault, um “corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica- uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro da ponta do pé à extremidade do indicador”. (FOUCAULT, 1987. p. 120).

A rotina, por sua vez, é obtida através da repetição de exercícios e regras para a execução de uma tarefa, pressupõe treinamento mecânico para a homogeneização dos corpos. Assim, os modos de agir, de realizar algo, a enumeração de passos e sua sequência de realização, são importantes para o estabelecimento da disciplina. Foucault (1987) afirma ainda que a disciplina fabrica sujeitos, adestrando-os. O adestramento é um modo de se exercer mais facilmente o poder, e, conseqüentemente, de dominar os sujeitos de modo mais efetivo. O sucesso do adestramento e da disciplina, então, depende de uma relação hierárquica e de sanções normalizadoras.

Aquele que não seguir as normas, sofre sanções, é excluído ou colocado à margem da sociedade. É a partir da sanção que os modos de coerção tornam-se visíveis para os sujeitos. São criadas, portanto, técnicas de vigilância e controle dos sujeitos, a fim de que se possa punir aquele que não se adequa ao processo de adestramento. Dessa forma, os sujeitos são construções derivadas das relações de poder que passam também pela domesticização dos corpos.

A partir do que foi abordado anteriormente, interessa-nos observar os diversos modos de construção discursiva da mulher na década de 50 na revista *Jornal das Moças*, observando o modo de funcionamento ideológico sobre a feminilidade e analisando o modo de construção dessa mulher, a partir da domesticização do seu corpo, principalmente no que se relaciona ao modo de andar. Para ser considerada uma “mulher de família”, era preciso controlar o corpo, os gestos, andar de determinado modo. Para isso, seria necessário treinamento a fim de aprender as técnicas “do bom andar”. Isso indica um funcionamento ideológico que coloca a mulher no seu devido lugar, classificando-as e excluindo-as. Essas questões serão analisadas mais adiante.

3 | A REVISTA COMO UM VEÍCULO IDEOLÓGICO

Partimos do princípio, nesse artigo, de que as revistas fazem parte dos Aparelhos Ideológicos do Estado, funcionando como um dos elementos dos Aparelhos ideológicos da informação. Althusser (1998) afirmava que os Aparelhos ideológicos do Estado funcionam prioritariamente pela ideologia, enquanto que os Aparelhos repressivos do Estado funcionam primordialmente pela violência. Assim, cabia aos Aparelhos ideológicos do estado a reprodução da ideologia dominante, que funcionava como uma espécie de “cimento social”, homogeneizando sujeitos.

As revistas femininas que circulavam na década de 50, não eram simples veículos de informação, mas funcionavam como veículos difusores de ideologias, sendo utilizadas na educação de mulheres da época. Essas revistas, inclusive a que estaremos analisando, o *Jornal das Moças*, traziam conselhos de moda, beleza, comportamento da mulher, propagandas de eletrodomésticos e móveis, dicas para ser uma boa mãe e uma boa dona de casa, conselhos para manter o casamento, receitas, novelas. A análise dos temas ali abordados já revela um posicionamento ideológico que constitui a feminilidade na época: o mundo feminino girava ao redor desses temas, considerados “adequados” para as mulheres. Não há discussão sobre questões políticas ou econômicas, apesar do Brasil estar passando por um grande período de desenvolvimento econômico e social, na década de 50, o chamado “anos dourados”.

Segundo Bassanezi (2008, p. 609), as revistas femininas funcionavam como: “conselheiras, fonte importante de informação e companheiras de lazer - a TV

ainda era incipiente no país -, as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo (...). Sendo assim, os conselhos que traziam sobre comportamento, vida doméstica, maternidade, dentre outros, eram seguidos à risca por aquelas que queriam ser bem vistas socialmente. Surgida em 1914, a revista *Jornal das Moças* circulou até 1961, com edição semanal, dirigindo-se, principalmente às moças da classe média brasileira.

A representação feminina na época girava, então, sobre a representação da mulher como “rainha do lar”, sendo os temas relacionados ao mercado de trabalho (que elas começavam a ocupar) discutidos timidamente e ainda de maneira bastante superficial. Assim, a ideologia da mulher como essencialmente afeita ao lar, ao casamento e à maternidade era amplamente difundida nas revistas, em contraposição às representações masculinas, uma vez que os homens eram considerados como “chefes de família”, provedores, cabendo a eles o trabalho fora de casa e o sustento da família. Menções às diferenças entre homens e mulheres, atribuídas a fatores biológicos eram comuns nas revistas. Assim, apresentava-se a mulher como emotiva e sensível, sendo representada como “sexo frágil” e o homem como forte e viril, sendo representado como “sexo forte”, elemento que já revela um funcionamento ideológico de diferença natural entre homens e mulheres. Os conselhos de como se tornar uma mulher passavam pelo modo de se vestir, de agir no meio de homens, de se comportar em ambientes públicos e, até mesmo de andar, mas também há algumas reportagens sobre mulher e trabalho, na maioria das vezes, delegando à mulher o segundo plano nas relações fora do lar.

4 | O CORPO CONSTITUINDO A FEMINILIDADE NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS

A reportagem a seguir foi retirada da Revista *Jornal das Moças* de outubro de 1952. Nela, ensinava-se às mulheres como andar com elegância, a fim de se tornarem atraentes e bonitas. Regras do bom modo de andar eram detalhadas na reportagem, cuja autoria não é indicada, o que pressupõe que seja a voz da revista (de modo geral) falando. A reportagem está acompanhada da seguinte imagem:

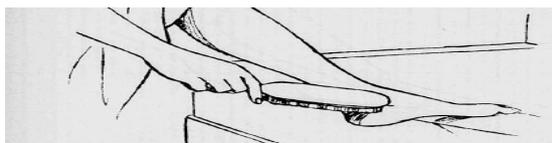


Figura 1

Fonte: *Jornal das Moças* Outubro 1952

COMO ANDAR GRACIOSAMENTE

A elegância de uma mulher é marcada pela sua boa linha, harmonia de toailete e, também, muito especialmente, pelo seu modo de andar. A importância desse fato não deve escapar a nenhuma mulher.

Um andar gracioso exige uma facilidade de adaptação ao momento, um estado de espírito diferente, segundo aquele que anda a largas passadas ao ar livre envergando um tailleur esporte, ou uma pessoa que desliza sobre um assoalho encerado envergando um belo vestido de noite.

Para ter seus movimentos livres, uma mulher deve ter as pernas ágeis, os tornozelos leves, os pés em perfeito estado. Durante a toailete, você fará bem em esfregar os pés com uma escóva, a fim de ativar a circulação do sangue e desembaraçar a pele das células mortas.

Notando que a má circulação tem repercussões incômodas nos tornozelos e que o tratamento externo não é eficaz nestes casos, procure logo tomar as providências necessárias. As glândulas precisam de um tratamento especial que somente um médico pode fazer.

Esfregar pedra-pomes na pele dos pés é muito recomendável para evitar o engrossamento da epiderme, o qual se produz particularmente nos pés, no lado externo do calcanhar, na altura do contraforte do calçado.

A extremidade das unhas deve ter uma forma arredondada, nem muito longa, nem muito curta. São as unhas mal cortadas, mal limadas, que ficam encravadas. As massagens são muito boas, se forem feitas com um creme oleoso. Tome os pés entre o polegar e os quatro dedos da mão e, alternativamente, com uma das mãos, pois a outra deverá massagear o pé, passe os dedos sobre o tornozelo. Massageie igualmente o tornozelo e o calcanhar.

Exemplo 1

Fonte: Jornal das Moças, outubro de 1952

Iniciamos a análise pela reflexão sobre a figura 1. Nela aparece uma perna feminina, exposta aos cuidados estéticos em frente a um espelho de banheiro. Em primeiro lugar, cabe observarmos que nessas revistas, havia uma repetição, que indica uma importante regularidade na atribuição de sentidos sobre a mulher: a ligação entre a mulher e a estética. O modo de funcionamento discursivo que concebe a feminilidade na época, passa pela ligação direta entre a feminilidade e o cuidado com a estética, com a beleza. Cabe nos perguntarmos o porquê dessa preocupação ser sempre atrelada à mulher e não ao homem, no período analisado. Tal reflexão nos faz retomar os já-ditos sobre a mulher, já estampados em revistas de décadas anteriores de que à mulher cabia a preocupação com a estética a fim de se tornar atraente para o homem. Tal preocupação se dava, sobretudo, pelo fato de que o casamento era supervalorizado e, para atrair pretendentes aptos a serem seus futuros maridos, as mulheres precisavam se preocupar e cuidar da aparência.

A reportagem traz um tom de conselho e lista os passos que devem ser dados na direção de um andar elegante. O título da mesma já indica o objetivo ali presente: fornecer uma receita sobre como andar de modo gracioso, tornado-se, portanto, atraente. Podemos observar o funcionamento ideológico que constitui a representação da mulher em todo o texto, mas tal funcionamento se destaca logo no trecho inicial: “a elegância de uma mulher é marcada pela sua boa linha, harmonia de toailete e também pelo seu modo de andar. **A importância desse fato não deve escapar a nenhuma mulher.**” Chama a atenção no trecho, o uso do verbo *deve*, indicando uma ordem, da qual não se pode escapar. Tal verbo revela uma marca discursiva em relação ao sexo feminino, indicando o modo pelo qual é preciso agir para se tornar mulher, em outras palavras, para que alguém se constitua mulher, deve se preocupar com a estética. A não preocupação com elementos estéticos, excluiria, portanto, a

possibilidade de que alguém fosse “realmente” mulher. A mulher, para ser considerada mulher de verdade (disso não pode escapar), deve seguir os ensinamentos sobre o “andar bem” presentes na reportagem. É a ideologia que constitui, então, a mulher de verdade (indicando as coisas das quais ela não pode escapar), condicionando as mulheres a se colocarem na posição daquelas que fatalmente se preocupam com a estética. Retomando as idéias de Pêcheux (2009), a noção de mulher não equivale aqui, àquela que é representante do sexo feminino, apenas. O sentido de mulher é discursivizado, ganhando, então, outras nuances: a mulher não é apenas o ser humano do sexo feminino, mas é aquela que se preocupa com a beleza, que possui determinado modo de andar, que cuida dos problemas estéticos (como vemos na imagem, uma perna feminina, exposta aos cuidados estéticos, o que se repete na reportagem).

Para ser mulher, ou ao menos, para ser a mulher construída pela revista, fruto das posições ideológicas representadas por este veículo midiático, ela terá que andar “graciosamente”, o que a fará entrar no grupo das mulheres elegantes e belas. Retomamos aqui a ideia de Foucault (1987) sobre a domesticação do corpo, uma vez que para alcançar um andar gracioso, a mulher precisará seguir alguns passos, elencados na reportagem: “Para ter seus movimentos livres, uma mulher **deve ter as pernas ágeis, os tornozelos leves, os pés em perfeito estado. Durante a toalete, você fará bem em esfregar os pés com uma escova, a fim de ativar a circulação do sangue e desembaraçar a pele das células mortas.**”

Retomando as ideias de Foucault (1987) sobre a disciplina, notamos que há no trecho em destaque todo um ritual que deve ser seguido para alcançar o objetivo de ter um andar gracioso. O corpo é coagido a se tornar leve, os pés devem estar em perfeito estado. O comportamento também é moldado: é preciso esfregar os pés com uma escova, para evitar problemas de circulação. Há aí o atravessamento do discurso científico em relação à questão da manutenção de uma boa saúde, mas tal objetivo não é o primordial. A manutenção de uma boa circulação nos pés está à serviço da manutenção da estética, de um certo modo de andar. O uso dos verbos no imperativo indicam esse funcionamento da disciplina do corpo.

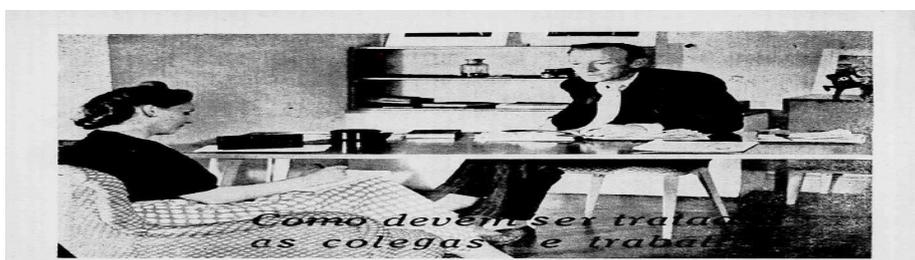
A tentativa de homogeneização do corpo, tornando-o padronizado, também é visível na última parte da reportagem no trecho que diz: “a extremidade das unhas deve ter um formato arredondado. Nem muito longa, nem muito curta.(...). tome os pés entre o polegar e os quatro dedos da mão e, alternativamente, com uma das mãos, pois a outra deverá massagear o pé, passe os dedos sobre o tornozelo. Massageie igualmente o tornozelo e o calcanhar.”

Ao estabelecer o formato das unhas e ao indicar os passos que devem ser atingidos para que se tenha um andar gracioso, percebemos o modo de construção do corpo feminino, a partir da coerção: a mulher que não possuir as unhas no formato indicado ou aquela que não fizer a massagem como explicitado na reportagem, sofrerá sanções: a de ser vista como uma mulher não elegante, feia, desajeitada,

estando fora da ideologia dominante sobre a beleza da época.

5 | MULHER E TRABALHO NO JORNAL DAS MOÇAS

Sabe-se que na década de 50, devido ao crescimento econômico do Brasil ocasionado pela industrialização, alguns postos de trabalho surgiram e foram aos poucos, sendo preenchidos por mulheres. Assim, mesmo que de forma ainda incipiente, era possível encontrar mulheres trabalhando como secretárias, professoras, enfermeiras, costureiras, dentre outras. Eram raros os casos em que se viam mulheres como chefes, principalmente porque, elas não eram aceitas ocupando posições de mando ou se destacando frente aos homens. Na reportagem a seguir, há a discussão sobre o modo como os homens devem tratar as mulheres no trabalho.



DE IGUAL PARA IGUAL OU CERIMONIOSAMENTE? — A RESPOSTA DE UM FUNCIONÁRIO — QUANDO, ALÉM DE COLEGAS, ELAS SÃO CHEFES...

LOUIS DEJUX (Especial para JORNAL DAS MOÇAS).

QUANDO as mulheres começaram a trabalhar em escritórios, lojas, fábricas, repartições públicas, hospitais e em todos os lugares até então privativos dos homens, surgiu um problema: como deveriam tratá-las os homens que trabalhassem ao seu lado? Como camaradas, ou companheiras de trabalho? Ou cerimoniosamente, como senhoras? Um jovem funcionário, respondendo, na ocasião, a uma enquete, declarou o seguinte, aliás, em opinião esposada por muitos homens:

— As colegas de trabalho são mulheres, antes de tudo, devendo ser tratadas como tais, embora com a camaradagem permitida entre pessoas que se estimam.

Pensa-se que as mulheres, quando galgam posição, devido à condição de seu sexo, atraem a animosidade dos homens que permanecem como seus subordinados. Há, é claro, algum caso de complexo gerado por essa situação, porém, há, também, muitos casos em que as mulheres, ocupando posição de mando, sabem portar-se com liberdade e tato suficientes para se fazerem estimadas, mesmo pelos subordinados barbados. Todavia, reconhece-se, as mulheres, como chefe, não têm vida muito cômoda. Há homens que se sentem denegridos, quando alguém do sexo oposto o deixa para trás, já não se dando o mesmo no caso dela ter herdado essa predominância; porém, se é conquistada por capacidade profissional, não deixa de ferirlos no íntimo. Assim, precisa-se reconhecer que, na base da igualdade profissional, a mulher, como chefe, enfrenta grande resistência de alguns subordinados. Há casos em que elas, com tato e prudência, se vêem forçadas a ceder um pouco de sua feminilidade, para se impor.

A reportagem inicia com uma imagem em que se retrata uma mulher num escritório, sentada do lado oposto do homem, anotando coisas em um caderno. A própria imagem já revela um funcionamento ideológico: o homem, retratado naturalmente como chefe, e a mulher, como auxiliar do mesmo, apesar de não estar mais no ambiente doméstico.

Há uma pergunta que será respondida no decorrer do texto: *Como devem ser tratadas as colegas de trabalho? De igual para igual ou cerimoniosamente?* Como já afirmamos antes, a ideologia se materializa no discurso e o analista do discurso, partindo da superfície linguística (sequências discursivas verbais e não verbais), deve chegar ao processo discursivo, observando, dentre outras coisas, o funcionamento

da ideologia. O fato de haver uma pergunta como essa, mostra, a partir de uma pista linguística (uma pergunta, uma possível dúvida de como devem ser tratadas as mulheres) que era incomum uma mulher dividir o espaço do trabalho com um homem, principalmente pela sua chegada recente ao mercado de trabalho. Isso também fica visível no uso da expressão quando no trecho *Quando as mulheres começaram a trabalhar em escritórios, lojas e fábricas... surgiu um problema...* A expressão quando indica que a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda era novidade recente. A palavra problema indica o funcionamento da ideologia que coloca a entrada da mulher no mercado de trabalho como problemática para as relações de coleguismo entre homens e mulheres.

Num outro trecho, há o seguinte enunciado... *quando além de colegas, elas são chefes*, aparece mais uma vez a marca do funcionamento ideológico. A língua como veículo de materialização do discurso, não é indiferente à ideologia. Portanto, a partícula além, indica não apenas a soma de uma informação (é colega e é chefe), mas também um estranhamento em relação à condição de destaque da mulher que quebra uma barreira e vai além do esperado, ocupando a posição de chefia.

A pergunta colocada como mote para a reportagem é parcialmente respondida, no seguinte trecho, em que se coloca uma resposta dada por um homem numa enquete: *As colegas de trabalho são mulheres antes de tudo, devendo ser tratadas como tais, embora com a camaradagem permitida entre pessoas que se estimam.*

Mais uma vez a língua traz as marcas do funcionamento ideológico, presentes na formação discursiva patriarcal, que coloca os sujeitos “nos seus devidos lugares”. A expressão *mulheres antes de tudo* mostra que, apesar de estarem num ambiente de trabalho, são mulheres e devem ser tratadas como tais. Tal trecho indica a diferenciação entre os gêneros, e os lugares diferentes ocupados pelas mulheres e homens. Embora possam ser tratadas com camaradagem, com certo coleguismo, as mulheres devem ser colocadas nos seus devidos lugares, não havendo igualdade de atuação entre elas e os homens, apesar de ocuparem o mesmo espaço físico destes. O funcionamento da ideologia indica então a diferenciação “natural” entre homens e mulheres, e os lugares diferentes ocupados pelos dois no mercado de trabalho, negando a condição de igualdade em relação ao gênero.

A partir dos exemplos analisados é possível inferir sobre os modos de construção de uma certa ideia de feminilidade dentro do Jornal das Moças na década de 50, seja esta ideia ora ligada à representação do corpo feminino, seja a mesma ora ligada à representação feminina na esfera do trabalho.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar a partir das materialidades analisadas, a construção da feminilidade na década de 50 passa pela docilização do corpo da mulher e

também pela inserção da mesma nos lugares “naturalizados” pela ideologia: a esfera doméstica, a casa, a cozinha. O cenário do casamento, com a ideia de que a mulher deve ser responsável por atrair um bom noivo, a partir do cultivo da vaidade e da beleza, mostra a construção ideológica de que o destino natural da mulher é o casamento e o lar. A representação da mulher no trabalho se dá com estranheza, o que pode ser visto a partir da própria pergunta do exemplo analisado: como devem ser tratadas as colegas de trabalho?, o que indica que aquele local (o do trabalho, fora da esfera doméstica) não era ainda um lugar natural para ser ocupado por mulheres.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**: notas sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado. Rio De Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **Hstória das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 2 ed. São Paulo, vol 2.: Difusão Européia de livros, 1967.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GADET, Françoise.; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al., 2. ed., Campinas, SP: Unicamp, 1995.
- _____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed., Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61 - 105.
- PÊCHEUX; Michel; FUCHS, Catherine . A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET; HAK (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed., Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 163 -252

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 1, 31, 40, 41, 44, 54, 69, 78, 295, 296, 297, 304, 305

Argumentação 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 112, 152

Arte 16, 17, 18, 19, 21, 22, 29, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 166, 172, 174, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 206, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 280, 282, 284, 285, 324, 326, 328, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363

Arte Contemporânea 56, 57, 58, 59, 62, 65, 333

Artes Integradas 174, 176, 177, 178, 184

Artes Visuais 16, 18, 56, 58, 59, 66, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 183, 185, 264, 269, 270, 277, 278, 345, 346

Artigo de Opinião 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101

B

Base Nacional Comum Curricular 67, 69, 71, 73, 75, 78, 104, 108, 110, 114

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 67, 69, 108

C

Ciberespaço 40, 41, 46, 49, 51, 52, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232

Ciência Linguística 1, 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13

Cultura 21, 24, 32, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 107, 116, 118, 121, 122, 123, 126, 131, 133, 137, 142, 149, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 185, 189, 192, 212, 213, 218, 219, 221, 224, 255, 258, 262, 264, 272, 274, 275, 277, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 308, 332, 335, 336, 337, 356

D

Danças Regionais 162, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Diretrizes Curriculares 19, 29, 79, 80, 89

Discurso 1, 2, 11, 12, 13, 14, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 90, 101, 123, 159, 191, 198, 217, 220, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 304, 305

E

Educação Bilíngue 31, 34, 35

Educação Inclusiva 31, 32, 34, 36, 37, 38, 323

Educação Musical 15, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 174, 184, 270, 273, 276, 280, 282, 283, 284

Ensino de arte 56, 57, 62, 105, 107, 114, 258, 346, 348

F

Formação de professores 15, 16, 20, 29, 78, 79, 107, 215, 216, 218

Formação docente 87, 109, 219, 221

G

Guia didático 40, 41, 42, 46, 47, 54

H

Hipertexto 217, 225, 226, 228, 232

I

Inclusão Social 31, 224, 261, 283, 308, 319, 320, 321, 324

Indígena 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 117, 271, 277

Interdisciplinaridade 80, 81, 86, 264, 270, 277, 283, 324

L

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 66, 68, 69, 76, 77, 83, 84, 89, 105, 107, 109, 111, 124, 129, 136, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 189, 200, 207, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 226, 227, 234, 235, 236, 263, 264, 270, 280, 287, 291, 308, 340, 346, 349, 355, 357, 358

M

Materiais alternativos 268, 270, 276, 277, 283

Música 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 138, 139, 145, 146, 147, 148, 162, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 197, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 311, 326, 327, 332, 356, 360, 361, 362, 363

N

Naturalismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Novas tecnologias 40, 46, 163, 174, 177, 178, 184, 185, 228, 260, 261, 268, 269

O

Orientação sexual 67, 68, 69, 75

P

Pedagogia 16, 18, 19, 20, 35, 70, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 136, 219, 222, 293, 318

Pedagogo 15, 16

Poesia 84, 163, 225, 256, 353

Professor 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 33, 70, 88, 92, 95, 102, 106, 107, 112, 120, 132, 133, 159, 202, 219, 221, 222, 223, 224, 258, 260, 262, 263, 267, 277, 280, 282, 284, 353, 355, 357, 358

Professor pedagogo 15

S

Subjetividade 38, 40, 45, 52, 53, 176, 198, 206, 296

T

Teoria social do discurso 67, 68, 69

 **Atena**
Editora

2 0 2 0